

Adrian Parra Carneiro

Dom Quixote do Pilar

Dissertação sobre o livro Fogo Morto
objetivando a conclusão do primeiro semestre
da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da
Informação pela Fundação Escola de
Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP

São Paulo
2010

*“Pela primeira vez em sua vida, ela
via a grandeza de Vitorino Carneiro da Cunha.”*

José Lins do Rego

1. Introdução

O capitão Vitorino Carneiro da Cunha é, ao lado do mestre José Amaro e do coronel Lula de Holanda, um dos personagens principais da obra Fogo Morto, de José Lins do Rego, considerada sua obra prima. O enredo se desenvolve no Pilar, cidade paraibana, em torno da oficina do mestre José Amaro, por volta da década de 1940. Este trabalho trata desse cativante personagem que tem várias características do renomado D. Quixote de La Mancha, de Cervantes, como a péssima montaria, o fato de falar sozinho e o orgulho de quem é e de seu nome; mas tem também grandes diferenças, entre elas, o fato de não ser inspirado por donzelas, e a maneira pela qual os autores tratam da insanidade de ambos. Tanto D. Quixote quanto o Capitão são considerados loucos, mas é na sua visão de realidade que podemos encontrar a grande diferença entre o dois.

O capitão é marginalizado na sociedade em que vive pelo fato de tentar agir de modo correto, seguindo as leis, em uma realidade na qual isso não é aceito, chegando a ser apelidado de “papa-rabo” pelas crianças do povoado; por ironia acaba sendo o protetor dessa sociedade, com suas ações idealistas; porém nota-se mais tarde que, por causa de seu filho, o povo demonstra por ele um falso respeito e mais tarde por nunca abandonar seus princípios o povo passa não somente a aceitá-lo como também a admirá-lo, por causa de sua coragem e por não baixar a cabeça para ninguém, o que é mostrado quando ele tenta impedir o capitão Antonio Silvino de saquear o engenho Santa Fé e quando é preso pelo tenente Maurício.

2. Desenvolvimento

O capitão Vitorino Carneiro da Cunha é apresentado ao leitor na primeira parte da obra *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, e depois é mais explorado na terceira parte, que leva seu nome; em sua primeira aparição pode-se notar a primeira de suas semelhanças com D. Quixote, de Cervantes: a montaria. Descritos como: “(...) A égua rudada mostrava os ossos, a sela velha, roída, a manta furada, os freios de corda. (...)” (REGO, 2009, p. 67), no caso de Vitorino; e “(...) Foi depois ver seu rocim, e, conquanto tivesse mais quartos que um real e mais defeitos que o cavalo de Gonela(...)” (CERVANTES, 2010, p. 57), no caso de Rocinante, o pangaré de D. Quixote. Os dois animais estão magros e mal cuidados, porém Vitorino se defende: “(...) Não é por falta de trato. Capim não lhe falta, dou-lhe milho, faço tudo que é possível. É velhice. A diaba nem rincha mais para os pais-d’égua. (...)” (REGO, 2009, p. 71). Os animais são marca registrada desses dois personagens e demonstram uma contradição em seu caráter, em que os cavaleiros sentem-se mais ativos do que as outras pessoas que os cercam, mas não percebem que quem os coloca acima dos outros é um animal extremamente fraco e malcuidado. Por outro lado, por estarem sempre montados, eles nunca têm os pés no chão, ou seja, como a expressão popular “ter os pés no chão” significa ser realista, interpreta-se que eles são desprovidos de senso de realidade – loucos.

Evidenciando ainda mais essa loucura, os dois personagens têm hábito de falar sozinhos, como se vê nos trechos: “seguinto caminho, pois, o nosso novel aventureiro, ia falando consigo mesmo (...)” (CERVANTES, 2010, p. 61) e “Tem que pagar, primo José Paulino, tem que pagar, sou eu o prefeito Vitorino que estou aqui para cumprir a lei. Tem que pagar (...)” (REGO, 2009, p. 398). Esse hábito remete à condição pitoresca dos personagens, já que precisam externalizar a grande confusão de sentimentos e pensamentos a que estão submetidos, tendo assim um caráter cômico, pois outros personagens ao vislumbrarem tais ações poderiam acabar tachando-os de malucos e velhos senis.

O orgulho que têm de si mesmos é outra de suas características em comum. O nome é importante para os dois personagens, já que D. Quixote pensa em como se chamar, por oito dias, até decidir-se (CERVANTES, 2010, p. 57-58) e Vitorino ao longo do romance sempre faz questão de que falem dele da maneira correta com seu bordão: “Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, paguei patente e não me faz favor.” (REGO, 2009). Isso mostra novamente a altivez que eles sentem em relação às outras pessoas. Vitorino por fazer questão de ser chamado pelo título e D. Quixote pela preocupação em escolher um nome altivo, para si e para seu cavalo, que faça correspondência com seus futuros feitos heroicos.

Analisando as diferenças entre Vitorino e D. Quixote, existem alguns pontos interessantes, como suas relações afetuosas com suas amadas: D. Quixote está enamorado por Dulcineia do Toboso, um amor totalmente irreal em que ele simplesmente escolheu alguém da vila para poder jurar seu falso amor e enviar seus troféus (CERVANTES, 2010, p. 59). Enquanto que Vitorino, não é tão cavalheiresco com sua esposa Adriana, entretanto sua relação com ela é real, apesar de dizer que ela pode ir com o filho para o Rio de Janeiro, para assim viver longe dele, várias vezes durante a terceira parte do romance, percebe-se ao longo da história que o casal tem afeto um pelo outro (REGO, 2009, p. 399).

Outra grande diferença entre ambos não está nos personagens em si, mas sim na maneira como os autores os tratam. Cervantes faz questão de, desde o princípio da narrativa, deixar claro que D. Quixote é insano e que isso se deve aos livros que o engenhoso fidalgo lia (2010, p. 61); enquanto que José Lins do Rego nunca afirma que o capitão é louco, sendo sua loucura explicitada em suas ações. Entende-se então que para Cervantes sua

criação é simplesmente uma figura totalmente alienada à realidade em que vive, criando situações tragicômicas quando ele acha estar diante de castelos, mas na realidade são apenas estalagens (2010, p. 207). Já Vitorino tem uma visão da realidade, ele enxerga o que acontece ao seu redor, e tenta, de maneira inadequada à sociedade em que vive, resolver seus problemas.

São essas visões de mundo que demonstram a maior diferença entre D. Quixote e Vitorino. D. Quixote tem uma visão fantasiosa de tudo, criando perigos em lugares onde nada demais acontece, buscando assim proteger uma sociedade que não precisa desse tipo de ajuda. Já Vitorino percebe aquilo de que a sociedade necessita e tenta, através de meios inapropriados, ajudá-la. Entretanto, mesmo na maior de suas diferenças, notam-se outras semelhanças entre os personagens: a tentativa de preservar as pessoas e a busca por um mundo ideal.

Analisando o capitão Vitorino na sociedade em que vive, percebe-se que ele é marginalizado pela mesma. Principalmente por causa de seu caráter exótico, mas também pelo fato de que ele age de forma errônea ao tentar reparar situações que, a seu ver, estão erradas. Ao longo do enredo ele sempre tenta agir de acordo com as leis, mas ele não vê que no Pilar o que vale é a lei do mais forte. Por isso, o capitão Antonio Silvino e o Tenente Maurício são poderosos, porque usam a força para conseguir seu intento, enquanto Vitorino tenta por meios políticos conseguir um pouco de poder para si e só usando a força para proteger sua dignidade.

Apesar de ser menosprezado, Vitorino é o protetor dos habitantes de sua cidade, pois é a ele que sempre recorrem para pedir ajuda. O que é demonstrado quando ele leva Marta, filha de José Amaro, para o Recife (REGO, 2009, p. 203) e quando ele tenta tirar José Amaro, o cego Torquato e o negro Passarinho da cadeia, nos últimos capítulos do livro. Essa proteção se dá pelo seu idealismo, em que ele não admite a opressão dos mais fortes contra os mais fracos e por isso sonha em ser o prefeito do Pilar, para assim fazer justiça e igualdade para todos a partir de seu governo (REGO, 2009, p. 398).

Mais tarde, na terceira parte de Fogo Morto, o povo do Pilar para de chamar o capitão de papa-rabo porque seu filho, Luís, voltou para casa como oficial da Marinha. Esse respeito é falso, já que ele só é bem tratado por causa do filho, que acaba voltando para o Rio de Janeiro. Assim que seu filho parte, as brincadeiras retornam para assombrá-lo, até o momento em que, através de suas ações, demonstra para o povo que ele não teme a ninguém. Por exemplo: quando o chefe dos cangaceiros, capitão Antonio Silvino, saqueia o engenho Santa Fé, Vitorino vai até lá e afronta o capitão e tenta impedi-lo, apesar de não ser bem sucedido. O que não quer dizer que ele está do lado da polícia, já que ele também arruma confusão com o tenente Maurício e acaba sendo preso. Esses atos fazem com que as pessoas que vivem no Pilar percebam que ele realmente é valoroso e, apesar de não ser muito convencional, passem a admirá-lo, como a pessoa forte que ele é, tornando-o um dos maiores nomes políticos na região.

3. Conclusão

Em suma, pode-se inferir que Vitorino tem muitas características comuns a D. Quixote, como a montaria, a hábito de falarem sozinhos e o orgulho; essas particularidades demonstram que eles se sentem altivos e que podem fazer do mundo um lugar ideal, porém também demonstram sua loucura. Suas diferenças, como os amores, a forma dos autores os tratarem e de seu entendimento diferenciado da realidade, mostram que Vitorino tem uma visão mais racional e que D. Quixote é mais sonhador, mas ainda se notam pontos comuns entre os dois. O fato de tentarem proteger sua sociedade é uma delas, o que nem sempre é necessário, pois a visão romântica que eles têm prejudica a percepção do que realmente acontece. Essas propriedades, em comum ou não, fazem com que Vitorino seja sim o D. Quixote de sua cidade – o Pilar.

Entretanto, às vezes, essa proteção é necessária e acontece quando ele ajuda seus conterrâneos de diversas formas. Por isso, ele se torna a voz do povo, ao tentar acabar com o poder baseado na força e sonhando com seu mandato como prefeito. A princípio, ele era motivo de risadas, depois é respeitado por causa do filho, porém, finalmente, a sociedade o aceita ao perceber que ele tem muito mais coragem do que os senhores de engenho, quando ele tenta proteger o Santa Fé do ataque dos cangaceiros e quando ele é preso por não se subordinar ao tenente Maurício. O povo do Pilar deixa de menosprezá-lo para passar a admirá-lo, não porque é parente de alguém, mas sim pelo seus próprios méritos.

Referências

CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo D. Quixote da Mancha**: volume I. Tradução: Carlos Nougué e José Luis Sánches. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções; vol. 8)

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 68 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.